

qu'il aborde. *Sémantique interprétative* a aussi toutes les qualités d'un ouvrage de référence. En effet, pour qui veut se renseigner sur l'analyse sémique ou isotopique, sur ses enjeux théoriques, sur son histoire ou simplement sur sa méthode, mieux vaut consulter Rastier que maint dictionnaire de linguistique. Source intarissable d'observations pénétrantes, cet ouvrage est indispensable à quiconque s'attache à découvrir et à expliquer ce miracle qu'est le surgissement d'un sens dans la parole de l'homme. Qu'on s'appelle linguiste, sociologue ou psychologue, qu'on s'intéresse à la littérature, à la sémiotique ou à l'intelligence artificielle ou qu'on s'occupe de recherches, d'enseignement ou de traduction, on tirera profit de sa lecture.

Henning Nølke

Ecole des Hautes Etudes Commerciales de Copenhague

### Langue portugaise

Claudia T.G. de Lemos: *«Ser» and «estar» in Brazilian Portuguese: With Particular Reference to Child Language Acquisition*. Gunter Narr, Tübingen, 1987. 168 p.

No prefácio a este livro a Autora deixa claro que se trata da publicação de uma versão abreviada e, só em parte, revista, da sua tese de doutoramento ('Ph. D.') de 1975. É verdade que os anos que passaram desde que apresentou a tese, são suficientes, com o rápido desenvolvimento da linguística no mesmo período, para fazer 'envelhecer' um trabalho deste género. No entanto, sendo um trabalho de muito interesse e valor, há boas razões para publicá-lo mesmo com um certo 'atraso', razões a juntar às que a A. alega: a de ser um tema que tem merecido relativamente pouca atenção e a de o seu livro, na realidade, abordar um fenómeno que continua a ocupar um lugar central na linguística e na filosofia da linguagem, a saber, o fenómeno de *dêixis*.

A obra, que se baseia essencialmente em quadros teóricos propostos por nomes como John Lyons (que foi o orientador da tese), G. Leech e J.M. Anderson, divide-se em duas partes bem distintas. A primeira encerra um estudo da diferenciação semântica entre os verbos copulativos *ser* e *estar* em orações locativas, e também da relação destes dois verbos com outros tipos de verbos copulativos, para chegar a um princípio geral subjacente a todos os usos de *ser* e *estar*, princípio geral a ser relacionado com a categoria de aspecto em português. Na segunda parte do livro são analisados os mesmos verbos num *corpus* de enunciados infantis (de duas crianças brasileiras), numa tentativa de verificar se na linguagem infantil aparecem formas de *ser* e *estar* que confirmem em parte as hipóteses elaboradas na primeira parte.

No estudo das orações locativas com *ser* e *estar*, a A. distingue entre a localização de entidades móveis e de entidades imóveis, sendo o conceito de mobilidade definido como a capacidade de as primeiras se moverem ou ser movidas através do espaço (p. 17). Da análise do comportamento de *ser* e *estar* com entidades móveis resulta uma oposição semântica bastante clara. A predicções com *estar* exprimem relações espaciais que, necessariamente, são temporalmente especificá-

veis, o que equivale a dizer que o verbo *estar* marca a relação como *actual* (p. 40). As predicções com o verbo *ser* implicam uma *norma* (deduzida da observação de uma certa regularidade da localização ou estabelecida como tal por alguma 'autoridade'). No caso das predicções com *ser* é acerca da norma que actualidade é afirmada. É a norma que se coloca em relação com os coordenados defécticos de espaço e tempo; a actualização não afecta, por assim dizer, nenhum membro do conjunto de possíveis localizações (p. 41-42). Exemplos ilustrativos desta oposição constituem, segundo a A., enunciados como *João está no escritório às duas horas* vs. *\*Os livros de História são naquela estante às duas horas*, mas *Os livros de História são [sempre/todos os dias] naquela estante a partir das duas horas* e (...) *naquela estante das duas às quatro* (p. 26-27).

A análise das orações locativas com entidades imóveis como sujeito, leva a uma conclusão semelhante, mas leva também a A. a redefinir o conceito-chave de actualidade através de uma redefinição do conceito de *espaço deféctico*, o qual incluirá, além de acessibilidade perceptiva (pressuposta pela observação da entidade e pela avaliação da possível actualidade da mesma), atenção e conhecimento, concebidos como zonas defécticas concêntricas (p. 99). A actualidade (re)define-se na intersecção destas três zonas. A diferença entre as predicções com *estar* e as com *ser* não reside tanto em tipos de discurso diferentes, mas relaciona-se, diz a A. (p. 101), com uma distinção superior de domínios de discurso diferentes, de perspectivas diferentes. As predicções com o verbo *ser* contrastam com as predicções com *estar* por pertencerem aquelas aos domínios em que as relações 'experienciais' do falante cedem em favor da 'objectividade'. Um exemplo ilustrativo, com uma entidade imóvel como sujeito da frase, seria o enunciado seguinte: *Você disse que o cinema era aqui, mas eu não estou vendo nenhum cinema. Onde está o cinema?* (p. 62).

A pesquisa empírica, analisada na segunda parte do livro, é muito interessante em si. O desenvolvimento da linguagem nos dois rapazes (do mais jovem foi gravado um número de 6.736 'frases' entre os seus 18 e 27 meses de idade, do outro 9.742 entre os 21 e 28 meses) mostra claramente um avanço na competência linguística, mas que estão ainda, com pouco mais de dois anos de idade, na margem, linguisticamente, do sistema aspectual estudado na primeira parte deste livro, a propósito da linguagem dos adultos. Esta é a conclusão 'negativa' que a A. há-de tirar (p. 163). As duas crianças têm, no entanto, já um sistema aspectual embrionário que parece permitir à A. observar um paralelismo entre o desenvolvimento histórico das construções com *estar* (as expressões locativas surgem quase simultaneamente com as progressivas, vindo *estar* com participio e com adjectivo só mais tarde) e o desenvolvimento destas mesmas construções na linguagem infantil. Associa (p. 164) o desenvolvimento diacrónico ao processo de alfabetização, associação, devemos dizer, em que não acreditamos muito.

Birger Lohse  
Universidade de Copenhaga